

A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE LICENCIATURA SOBRE O USO DO APELIDO

Ricardo Leite Camargo (Esalq/USP)
ricardocamargo@esalq.usp.br

Conflitos interpessoais na instituição educativa: fatores, complexidade, diversidade e manifestações como indisciplina, bullying, violência ou incivilidade.

O uso de apelido é bastante presente dentro das instituições universitárias públicas. A presença de apelidos é uma das marcas do trote universitário que em geral perduram para a vida do aluno substituindo o nome próprio mesmo quando este conclui seu curso. Tendo, portanto o apelido tal força pergunta-se : qual a percepção que os alunos possuem sobre seus próprios apelido? Buscamos assim conhecer como os alunos percebem a presença do apelido em sua própria história, desde a infância até o presente. Para a realização desta pesquisa 13 alunos do programa de licenciatura da Esalq/USP responderam a um questionário semi-aberto. Os resultados indicaram que : a) a presença do apelido foi uma constante na vida escolar dos alunos e b) a relação dos participantes com o apelido em geral é apresentada como “não conflitante”. Este olhar sobre o próprio apelido assenta-se em três justificativas básicas: a) o fato de o apelido tornar o sujeito “único” entre os demais; b) o fato de sua história de vida ser marcada por outras formas de tratamento que não o próprio nome; c) o fato do apelido não guardar em si, segundo os entrevistados, um elemento pejorativo. Consideramos que estes resultados bastante intrigantes uma vez que os alunos participantes não só indicam indiferença quanto ao uso de apelidos, mas chegam a apontar que este os beneficia por torná-los diferenciados. De nossa parte traduzimos este olhar como um desejo de identidade própria a qual se opõe a massificação, ressalta-se, entretanto, a fragilidade na qual se apóia a construção de uma identidade pessoal e diferenciada na atualidade.

Palavras-chave: apelido; trote universitário; identidade.

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surgiu a partir do nosso contato com as reflexões apresentadas por Almeida e Queda (2006) em seu livro “Universidade, preconceito & trote”, bem como do contato direto com os alunos da ESALQ, onde atuo desde o ano 2009 como docente no programa de licenciatura.

No livro dos referidos autores, há uma denúncia explícita sobre o trote universitário e sobre os males que tais práticas fomentam. No bojo de tal discussão, os autores dedicam uma parte específica para reflexão sobre o uso do apelido no contexto do trote universitário.

Afirmam os autores:

O apelido é outra marca, às vezes indelével, que o aluno receberá dos trotistas ao chegar à Universidade. Isso ocorre durante a matrícula ou no primeiro dia de aula. Quando perguntamos ao trotista qual o seu nome, ele invariavelmente responderá pronunciando seu apelido. Para conhecermos seu nome, registrado na certidão de nascimento, precisaremos perguntar por seu apelido. Assim, seu nome de registro passará a ser seu apelido. Logo depois, na Esalq, este aluno receberá um chapéu de palha, com este apelido escrito em letras enormes. (ALMEIDA; QUEDA, 2006, p.121)

Para desenvolver seus estudos sobre a temática, os autores consultaram, dentre outras fontes, um livro produzido por ex-alunos esalquianos, cujo título é “Pequeno dicionário amoroso da Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’”.

Para Almeida e Queda (2006) esta obra é emblemática de um pensamento que subjaz à própria universidade e que acaba causando danos ao ensino e à pesquisa.

Apresentam então os autores vários apelidos universitários que se ocupam, de uma forma ou de outra, da desqualificação da pessoa – no caso do aluno: “Os apelidos têm como uma de suas fontes inspiradoras os preconceitos raciais, os comportamentais, os de gênero, os relativos à aparência física, etc.” (ALMEIDA e QUEDA, 2006, p. 121)

Além do caráter “desqualificador”, o apelido universitário também traz um outro elemento perverso – o seu caráter perene. Mesmo deixando o espaço universitário, o “ex-aluno” permanecerá “renomeado” sendo reconhecido em diferentes espaços pelo seu apelido universitário. O pior ainda ocorre se este oferecer resistência ao mesmo, como afirmam Wedekin e Rodrigues (2001):

É claro que certas criações não são muito simpáticas, podem ser ofensivas e acabam não pegando. Mas, se o bicho se revoltar quando recebe um desses apelidos indesejáveis e criar caso com os veteranos, pobre dele: nunca mais será reconhecido pelo verdadeiro nome. Está batizado para sempre. Em muitos casos, os apelidos seguem o infeliz pelo resto da vida. (apud. ALMEIDA; QUEDA, 2006, p. 125).

Considerando assim a força deste elemento e sua presença tão evidente, propusemos saber neste estudo o que pensam os próprios alunos envolvidos sobre o uso do apelido.

Longe de recolhermos munição contra o trote ou contra o uso do apelido (um dos componentes do trote) propusemos utilizar aquilo que consideramos essencial na resolução de conflitos interpessoais – dar espaço para a fala e para a escuta.

METODOLOGIA

Participantes¹

Participaram deste estudo 13 alunos de 3 diferentes cursos (Ciências Biológicas, Engenharia Florestal e Engenharia Agrônômica) regularmente matriculados no programa de licenciatura da Esalq/USP.

Instrumento

Tendo como finalidade conhecer como os alunos concebem a presença do apelido na própria história de vida, foi aplicado um questionário com 16 questões semi-abertas e organizadas nos seguintes blocos: Bloco A – O nome e o apelido na infância (0-6 anos); Bloco B – O apelido no Ensino Fundamental; Bloco C – O apelido no Ensino Médio; Bloco D – O apelido no Ensino Superior.

¹ A letra “P” está sendo utilizada como abreviação de participante. Desde modo, onde encontramos “P.04”, por exemplo, lemos “participante quatro” ou “quarto participante”.

Procedimentos

Seguindo as orientações presentes no “Termo de Esclarecimento e Livre Consentimento” sugerido pelo comitê de ética da Esalq/USP, o pesquisador apresentou aos alunos de uma das disciplinas do curso de licenciatura as informações básicas pertinentes ao estudo em desenvolvimento. Realizada esta apresentação, foi solicitado que os alunos que voluntariamente quisessem participar da pesquisa preenchessem um formulário disponibilizando assim seus dados para contato.

Num segundo momento, o pesquisador, tendo reunido os alunos participantes, realizou a leitura de todas as questões a serem respondidas e esclareceu as dúvidas pertinentes às mesmas. Certificando-se de que o conceito de “apelido” utilizado neste estudo estava perfeitamente compreendido pelos participantes.

Uma vez feita a leitura das questões e esclarecidas as dúvidas à estas relacionadas, o pesquisador encaminhou para o endereço eletrônico dos alunos participantes o questionário que, uma vez respondido, foi re-encaminhado ao pesquisador.

Os dados foram organizados e analisados obedecendo a sequência interna do próprio questionário.

RESULTADOS

Os dados coletados revelaram que: a) a maioria dos participantes já tinha recebido apelidos antes do ensino superior inclusive 2 participantes eram chamados por apelido na própria família e b) a relação dos participantes com o apelido em geral é apresentada como “não conflitante”. Este olhar “legitimador” sobre o próprio apelido assenta-se em três justificativas básicas: a) o fato de o apelido tornar o sujeito “único” entre os demais; b) o fato de sua história de vida

ser marcada por outras formas de tratamento que não o próprio nome; c) o fato do apelido não guardar em si, segundo os entrevistados, um elemento pejorativo.

Considerando que este estudo buscou não somente informações relativas ao “apelido universitário” mas, seguir a sequência de apelidos que os participantes vivenciaram durante sua história de vida, apresentaremos 3 momentos anteriores ao apelido universitário (o apelido na infância, na escola fundamental, na escola de ensino médio) e por fim, como quarto e último, o “apelido universitário” ou, como recorrente nas respostas, o “apelido esalquiano”.

A - O nome e o apelido na infância dos participantes (0-6 anos)

Visando conhecer a história do nome e qual a apreciação dos entrevistados sobre o mesmo, propomos as seguintes questões:

1. Como ocorreu a escolha de seu nome?
2. Você gosta de seu nome?

Dos 13 participantes, 2 afirmaram desconhecer como seu nome foi escolhido (P07 e P08) e 1 afirmou não gostar do nome (P.04).

A escolha dos nomes esteve relacionada a motivos muito diversos – desde a homenagem a amigos e parentes à simpatia da mãe por uma de suas alunas na educação infantil:

P.05 - Minha mãe é professora de educação infantil e tinha uma aluna que se chamava Marina (nome fictício), ela gostava muito desta aluna e resolveu colocar este nome em mim.

Na sequência propusemos três questões relativas ao apelido na infância:

3. Na infância você era chamado pelo nome ou por algum apelido? Qual? (se sentir liberdade para apresentá-lo)

4. Qual a história de seu apelido infantil? Porque recebeu este apelido?
5. Como se sentia em relação a este apelido?

Na infância dos 13 participantes, 5 eram chamados pelo nome, 8 eram chamados por expressões vinculadas aos nomes (diminutivo, parte do nome, etc) e 2 por apelidos.

Nos dois únicos casos em que os participantes receberam apelidos na infância, estes possuíam histórias distintas. O primeiro (P.03) recebera o apelido pois gostava em demasia de dinheiro e pedia constantemente dinheiro ao avô; e o segundo participante (P.07) recebera o apelido por ser o filho caçula e “temporão”.

Aqueles que eram tratados pelo diminutivo ou parte do nome, vincularam esta prática a uma expressão de intimidade e carinho.

Os 8 participantes que eram chamados por expressões vinculadas ao nome justificaram que esta forma de tratamento não poderia ser considerada propriamente um apelido, mas uma abreviação, uma maneira carinhosa e íntima de ser chamado.

Estes resultados indicam que, neste primeiro momento o único descontentamento explícito esteve de fato vinculado ao próprio nome e isto com um dos participantes.

Julgamos particularmente interessante observar que este mesmo participante também era comumente tratado por parte de seu sobrenome, o que o deixava confuso pois, não conseguia saber como realmente se chamava.

B - O apelido no Ensino Fundamental

Três questões foram propostas para conhecer como o aluno vivenciou (ou não) o apelido no período de escolarização do Ensino Fundamental:

6. Na escola fundamental você era chamado pelo nome ou por algum apelido? Qual? (se sentir liberdade para apresentá-lo)
7. Qual a história deste apelido? Por que recebeu este apelido?
8. Como você se sentia em relação a este apelido?

Dos 13 participantes constatamos que 7 (P.02, P.03, P.04, P.05, P.07, P.12, P.13) eram explicitamente chamadas por apelido (não vinculados a abreviações do nome ou o uso exclusivo do sobrenome). Os apelidos estavam vinculados a corte de cabelo, características físicas (como tamanho) e incidentes de comportamento.

Destes 7 participantes, 4 (P.03, P.04, P.05 e P.12) indicaram um grande desconforto em relação a esta prática o que pode ser observado em especial na fala de duas participantes:

P.01 – “Este (apelido) me irritava, “brigava” com os meninos todos os dias, mas acho que por isso fiz logo amizade com eles. Com o menino que me deu este apelido desenvolvi um espírito competitivo muito forte e sempre competíamos nas notas e nos esportes. Por mais engraçado que seja, lembro-me dele como um dos meus melhores amigos. “Brigar”: correr atrás até alcançar ou eles correrem para o banheiro. Se alcançava, dava um chute na canela, que sempre doía, mas nunca chegou a ser uma briga de verdade (se repetia sempre para falar a verdade, uma vez por dia, principalmente na hora do intervalo).”

P. 12 – “Sinceramente, me sentia muito mal. Pois este apelido foi inventado pelos meninos “chatinhos” da sala, mas o triste é que as minhas amigas também passaram a dar valor a este apelido, fato que mais me afetou. Já que por ser um apelido pejorativo, e as pessoas que teoricamente gostam de você, concordam com este nome, é realmente triste.”

Observa-se a partir destes relatos que o processo de escolarização apresentou um desafio extra para alguns dos alunos entrevistados: o desafio de conviver com um apelido que lhes causava desconforto. Tais eventos são tão intensos que mesmo tendo transcorrido um tempo considerável, os entrevistados que se sentiam lesados pelos apelidos recordam-se com clareza do sentimento vinculado a este tratamento.

Ao analisar estes dados não podemos deixar de considerar a necessidade de que o espaço escolar seja um local privilegiado para o cultivo da amizade e esta fundada em relações de respeito-mútuo. De algum modo, estes participantes indicaram que se sentiram “desrespeitados” e este foi expresso no uso de termos de identificação que evidenciavam algum elemento absolutamente desagradável para aquele que recebia o apelido.

C – O apelido no Ensino Médio

Três questões foram propostas para conhecer como o aluno vivenciou (ou não) o apelido no período de escolarização do ensino médio:

9. Na escolado ensino médio você era chamado pelo nome ou por algum apelido? Qual? (se sentir liberdade para apresentá-lo)
10. Qual a história deste apelido? Por que recebeu este apelido?
11. Como você se sentia em relação a este apelido?

No ensino médio, dos 13 participantes, 6 (P.03, P.02, P.04, P.07, P.08, P.09) afirmaram que eram chamados pelo apelido enquanto 5 (P.01, P.05, P.11, P.12, P.13) eram chamados por expressões vinculadas ao nome e 2 (P.06 e P.10) pelo próprio nome.

Novamente, os apelidos estavam vinculados a elementos bastante diversos e sendo 4 explicitamente pejorativos, vinculados a atributos físicos e a algum acontecimento específico (incidente).

O desconforto frente ao apelido foi bastante intenso e isto fica expresso nas seguintes falas:

P.02 – “Não gostava muito, mas também não me afetava principalmente porque as pessoas que o usavam também tinham imperfeições”

P.03 – “Eu odiava esse apelido.”

P.04 – “Nessa época, o distanciamento dos professores fazia com que esses me chamassem pelo primeiro nome o que resultava em infinitas piadinhas sobre ele, então, decidi que queria ser chamado pelo sobrenome e combinei com alguns amigos mais próximos para que eles assim me chamassem (na verdade negocieei com ele em troca de alguns serviços de informática) e com o tempo todos passaram a me chamar pelo sobrenome, tirando o foco do meu primeiro nome [e dos apelidos a este vinculados]”
P.09 – “Eu não gostava de ser chamado de “xx” (apelido fictício) e muitas vezes brigava com as pessoas.

Como observamos na fala destes 4 participantes, o apelido no ensino médio foi motivo de conflitos internos e interpessoais. O descontentamento era tamanho que um dos alvos do apelido (P.04) busca “pagar” para não ser perturbado por apelidos vinculados a pronúncia de seu nome. Para além das palavras destes relatos, existe, obviamente vários sentimentos que certamente fugiram aos próprios participantes. Não é difícil imaginar o quanto um apelido pode agredir a imagem daqueles que vivem um momento tão importante do desenvolvimento e, em especial, de construção da identidade.

D – O apelido no Ensino Superior

Dedicamos as 5 últimas questões para saber qual a experiência dos participantes com o apelido no Ensino Superior:

12. Na graduação você é chamado pelo nome ou por algum apelido? Qual? (se sentir liberdade para apresentá-lo)
13. Qual a história deste apelido? Por que recebeu este apelido?
14. Como você se sente em relação a este apelido?
15. Se fosse optar, gostaria de ser chamado pelo seu nome ou pelo apelido? Por quê?
16. Há outras observações que gostaria de registrar em relação ao tema? Quais?

Todos os alunos participantes possuem apelido universitário e quando questionados sobre a “história do apelido”, responderam que este esteve vinculado à sua cidade de origem, ou algo derivado do próprio nome. Não encontramos entre estes, apelidos vinculados a preconceito de raça, credo ou características físicas e comportamentais. As histórias entretanto são muito variadas e o que se observou é que só é possível entender o apelido se, de fato, você seguir a história do mesmo.

Ressalta-se que o contato com um apelido sem a explicação pode levar a diferentes interpretações. Isto se evidencia em um deles que vincula-se ao uso de bebidas (alcoólicas):

P.08 - Não gostei de início, achava ele meio sem nexo, eu sempre fiz esportes, nunca havia bebido e era chamada de “xx” (apelido fictício), sempre que eu ia falar meu apelido pras pessoas elas já me olhavam com uma cara dizendo, “Nossa, você, com esse apelido, deve beber pinga prá caramba!”. Minha mãe também, não gostou nem um pouco, muito preocupada com o que os outros pensariam quando soubessem. Mas hoje em dia eu me acostumei, como com qualquer outra coisa na vida, e não me importo muito. Mas ainda prefiro o bom e velho nome de “Pedro” (nome fictício).

Consideramos interessante que frente ao apelido, 3 participantes (P.5, P.8, P.10) afirmaram que preferiam ser chamados pelo próprio nome. Dentre os demais, 4 (P.01, P.03, P.09, e P.11) manifestaram indiferença, não se importando em ser chamado de um ou de outro modo e 6 participantes (P.02, P.04, P.6, P.07, P.12 e P.13) manifestaram um grande entusiasmo em ser tratado pelo apelido. Quanto aos últimos, temos as seguintes falas:

P.02 – “Prefiro ser chamada pelo apelido, gosto dele, acho que é uma identificação original.”

P.04 – “Gostaria de ser chamado pelo apelido. Minha vida toda quis ter um apelido, como na Esalq isso é regra achei que finalmente teria algo legal, no entanto, como meus colegas de república não tem criatividade o apelido escolhido não pegou muito e a maioria do pessoas continua me chamando pelo (... – sobrenome)”.

P.06 – “Pelo apelido sempre, pois, é uma forma de saber realmente de quem se está falando, pois, os apelidos não se repetem enquanto os nomes, há uma frequência grande de repetição de alguns que são mais comuns.”

P.07 – “Prefiro o apelido, pois, além de identificar a Esalq (certa vez encontrei na rodoviária um homem que já devia ter por volta de 60 anos, e, conversando com ele, descobri que foi aluno aqui da Escola. E, para a minha surpresa, ele se apresentou pelo apelido e dizendo também o nome do seu ano...), também particulariza a pessoa. Nomes são parecidos e certamente repetidos. Agora o apelido na Esalq vem de uma história particular contada pela própria pessoa, fazendo com que se torne único. Por exemplo, certamente existem vários “Mários” (nome fictício) na Escola, mas “x x” (apelido fictício) só eu.”

P.12 – “Gosto bastante, pois sei que são realmente as pessoas mais próximas na faculdade que me chamam desse jeito, as que menos conheço me chamam pelo nome.”

P.13 – “Acho legal, é uma marca da Esalq, um diferencial. O apelido é completamente informal, algo de turma, para amigos da Universidade. No meio acadêmico, seria melhor pelo nome ou sobrenome”

A última questão – abertura para considerações variadas -

Dentre todas as informações consideramos de especial importância aquelas vinculadas a última questão. Com esta questão pretendíamos deixar um espaço para que os alunos pudessem apresentar outras reflexões que não foram contempladas com o questionário. Perguntamos então se estes tinham outras observações sobre o tema (ou algo que gostariam de registrar).

Sete participantes responderam a esta última questão. Considerando tais falas importantes e emblemáticas, achamos conveniente apresentá-las em sua íntegra:

P.02 – “Não acho que o apelido dado na faculdade seja um fator negativo, ele é feito para conferir uma identidade do aluno que entrou naquele grupo naquela universidade e isso é normal, acho que os apelidos que devem ser levados em consideração são aqueles que tem conotações pejorativas, que fazem parte do bullying e principalmente que são dados em fases de formação de uma criança, um adolescente.”

P.07 - “Está colado na Esalq o título de “tradição”. E o apelido é uma das tradições, assim como o trote e o chapéu. Ninguém é obrigado a manter apelido – conheço várias pessoas que trocaram de nome várias vezes e por diversos motivos - , assim como

também ninguém é obrigado a ter um apelido. Porém, como já disse [fazendo alusão a questão 15], acredito que “ser da Esalq” significa ter o apelido, e ele particulariza cada pessoa.”

P.08 – “Parece que aqui na Esalq as pessoas se possuem pelo seu novo nome e passam a ser outras pessoas, como outro nome, longe dos pais, numa cidade distante.”

P.09 – “Na minha opinião, as pessoas não se sentem confortáveis ou ofendidas com nomes e apelidos, pelo seu significado ou origem. O que faz as pessoas gostarem ou não de serem chamadas como são é a intenção daquele que o faz. É possível agradar ou desagradar uma pessoa chamando-a pelo mesmo nome. O que faz isso ser agradável ou não é a situação em que esse nome é colocado, a pessoa que o faz, a entonação da voz, etc.”

P.10 – “Acredito que a utilização de apelidos no meio acadêmico é válida, pois propicia um relacionamento mais íntimo e descontraído entre os estudantes. Porém, a escolha do apelido deve ser feita com critérios, para que não afete a moral e a dignidade do apelidado. Devem ser escolhidos apelidos que sejam humorados, porém que não ridicularizem o estudante. E, acredito, a escolha deve possuir o consentimento do apelidado.”

P.11 – Acho que por não ter nenhum apelido pejorativo eu me sinto indiferente em relação a eles.”

P.12 – Gostaria de fazer uma observação com relação aos apelidos, dependendo da origem dele e quem os “pratica” pode ser uma expressão de afeto, ou de bullying.

P.13 – “Acredito que um nome possa influir bastante em quem nós somos, e que a escolha deva ser importante. Apelidos vem e vão, e são uma forma da criança saber lidar com os demais e com as situações e, desde que não sejam ofensivos, não vejo problema. Na Esalq, considero algo interessante: ajuda a construir uma relação e uma aceitação em relação aos demais; muitos alunos tem orgulho e, aliás, creio não saber nem o nome de algum deles, mas apenas o apelido. Claro que não pode ser imposto. Pelo que vejo da Esalq, usa quem quer, embora todos tenham: eu sou o “Marcos” (nome fictício) e ponto. O cuidado a se ter é evitar que a pessoa se perca no “alter-ego” esalqueano e não se liberte dele, ao fim da vida acadêmica...”

Como se percebe, temos informações distintas nestas falas mas o espaço não foi utilizado para a apresentação de um pronunciamento claramente discordante quanto ao uso de apelidos. Contrário a isto, algumas destas falas indicam que as intenções subjacentes ao uso do apelido pode torná-lo “legítimo” ou não.

Obviamente, estas falas podem engendrar vários questionamentos como, por exemplo, a necessidade de construir uma identidade a partir de um apelido e mesmo a tendência geral de entendê-la como “elemento tradicional”, o que parece beirar a “naturalização do apelido”.

Mesmo frente a estas questões a serem melhor discutidas e aprofundadas em outro espaço e momento, o que por hora nos impacta e já o mencionamos, é o fato dos alunos considerarem que o apelido em si não resguarda algo bom ou mal. O que o define como algo bom ou mal é a intenção de seu uso e a repercussão que isto pode causar sobre o outro.

CONSIDERAÇÕES

Entendemos que embora o estudo do apelido possa parecer para muitos como algo pequeno ou de menor valor, estamos convencidos que, dado aos seus desdobramentos sobre a pessoa que recebe o apelido é imprescindível que este tema seja seriamente considerado pela academia.

Para nós, o apelido pode causar grandes constrangimentos como os experienciados por quatro participantes durante o ensino médio.

Outros estudos indicaram a presença de apelidos explicitamente pejorativos no espaço da Esalq (como os de ALMEIDA; QUEDA, 2006). No estudo presente não observamos este vínculo ao considerarmos a “história dos apelidos”. Possivelmente isto responda pela ausência de expressões mais veementes contra o uso do “apelido/nome esalqueano”.

Resta por fim considerar que dos 13 participantes, 3 afirmaram que gostariam de ser chamados pelo próprio nome e, embora estes não expressem um forte descontentamento pelo uso do apelido, mostram-se, todavia, contrários a tal prática.

Mesmo considerando os limites próprios deste espaço, cabe ainda que brevemente, a menção a dois itens que julgamos perpassar os dados encontrados:

1) a diversidade e o respeito-mútuo e 2) o apelido e a identidade.

– A diversidade e o respeito-mútuo –

Para nós este estudo evidenciou como uma mesma prática é experienciada e entendida de modo muito particular por cada pessoa.

Mesmo tratando de um número pequeno de participantes, encontramos histórias diferentes e percepções igualmente distintas.

Estas diferenças trazem em si um grande desafio: o de respeitar o outro em sua particularidade.

Ousamos afirmar que a solução para os impasses vinculados ao uso de apelido, pode estar em uma solução “bastante simples” e que requer somente que perguntemos ao outro: “Como você gostaria de ser chamado?”

Obviamente, resta àquele que responde a legítima possibilidade de optar pelo próprio nome. Respeitar o outro implica em perguntar-lhe, em atentar para aquilo que lhe é confortável.

– O apelido e a identidade –

A identidade é um processo de construção e está diretamente vinculada a relação “eu – outro”. Neste caso, a identidade longe de ser uma construção solitária, ela só é de fato construída a partir desta interlocução. A presença do outro é imprescindível na construção d identidade uma vez que o outro ocupa a função de um espelho de devolve ao sujeito os elementos que o caracterizam. De certo modo, acabo sabendo de mim “também” pelos outros, me conheço “também” através do outro. (BOHOSLAVSKY, 1987)

Assim sendo, passamos a nos enxergar pelo que o outro oferece de nós e, neste caso, o apelido ou a forma de tratamento que recebemos tem implicações extremamente importantes.

Consideramos que não só o termo utilizado para nos referirmos ao outro, mas a própria maneira que o fazemos pode influenciar de modo irreversível em seu modo de olhar para o outro e para si mesmo.

Concluimos que a atenção ao tema deve ser preservada em outros estudos que possibilitem uma visão mais ampla desta prática tão comum e igualmente contraditória, que enseja prazer e revolta, alegria e angústia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, A. R.; QUEDA, O. **Universidade, preconceitos & trote**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2006.

BOHOSLAVSKY, R. ***Orientação vocacional: a estratégia clínica***. 7.ed. São Paulo: Mantins Fontes, 1987.

WEDEKIN, I. RODRIGUES, R. **Pequeno dicionário amoroso da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz**. Rio de Janeiro: Agrocere, 2001.